

militar e naval, cuja necessidade e proveito seria ocioso demonstrar.

Temos a convicção de que, se os trabalhos scientificos do corpo de saúde do exercito fossem estimulados pela emulação da publicidade, e tambem por exemplos auctorisados, as estatisticas das enfermarias militares seriam organisadas de modo que constituissem outros tantos elementos de instrucção, em vez de se limitarem a uns mappas obsoletos, confusos e estereis como o de que nos occupamos, o qual não pode deixar de ser substituido por outro modelo mais em harmonia com os conhecimentos scientificos e com as necessidades da nossa época, e mais digno da illustração dos nossos collegas militares.

L.

DERMATOLOGIA

CASO DE (FAVUS) EM UM RATINHO

Pelo Dr. PEDRO S. DE MAGALHAES

Não é somente curioso sob o ponto de vista scientifico, mas tambem de real utilidade pratica o estudo das molestias dos animaes de qualquer modo em relação frequente com o homem, principalmente d'aquellas que têm origem parasitaria. Estas são, com effeito, muitas vezes contagiosas e transmissiveis não só entre os animaes de uma mesma especie, como ainda a individuos diversamente organisados e até mesmo aos que occupam a mais elevada jerarchia na escala zoologica.

Muitos casos de molestias parasitarias, de origem obscura, parecendo fóra da influencia da transmissão, casos que muitas vezes servem de armas apparentemente poderosas aos que systematicamente combatem as theorias de pathogenia viva, e

que desafiam a pertinaz observação e pesquisa dos adeptos de taes idéas, se explicam e tornam-se comprehensíveis a medida que novos factos de pathologia dos animaes inferiores são verificados e analysados.

Não são portanto para desprezar observações d'esta natureza.

A existencia de casos de *favus* ou *tinha favosa* com verificação da presença de seu microphyta productor, o *Achorion Schoenleinii* tem sido provadamente observada em varias especies de animaes usuaes. Assim cães, gatos, ratos, coelhos, frangos, gallos communs e da Conchinchina foram vistos affectados de verdadeiro *favus*. Entre os bois e cavallo a molestia é rara e duvidosa para alguns auctores. Factos de animaes inferiores com *favus* são de referencia habitual nos livros europeus.

Não tenho, porem, noticia de facto algum analogo observado no Brazil e é isso razão que justifica-me registrando um de observação propria.

Antes de relatal-o ser-me-ha permitido transcrever as seguintes citações muito proprias a lembrar a provada possibilidade de transmissão ao homem da molestia quando desenvolvida em animaes inferiores e vice-versa.

Bazin em 1854 já notára um caso curioso de transmissão de *tinha favosa* communicada do rato ao gato e deste a meninos; as crostas *favosas* foram examinadas pelo proprio Bazin e por Draper.

Em 1847 Jacquetant havia observado o quadro inverso, dous gatos contrahiram a molestia de meninos tinhosos da Enfermaria especial na «*Antiquaille*»; as crostas foram examinadas pelo Cirurgião Rollet que reconheceu a presença do *Achorion Schoenleinii*.

Saint-Cyr vio gatos *favosos* em 1864, 1865, 1866; e em 1867 teve occasião de observar a mesma *tinha* em um cão. O mesmo

observador mais tarde registrou o facto de *favus* apparentemente espontaneo em 7 pequenos coelhos de uma mesma ninhada, sem que o pae nem a mãe soffressem do mal. Fazendo Saint-Cyr experimentos em cães, estudando o *favus*. (1869) contrahio a molestia na pelle da mão.

Em 1869 e 1870, o Sr. Mollière, interno dos hospitaes de Lyon, apresentou á Sociedade Medica d'aquella cidade, por duas vezes muitos ratos atacados de *favus*.

O Sr. Gigard julga mesmo ter n'aquella epocha (1869) grassado em Lyão uma epidemia de *favus* entre os ratos; pois foram apanhados muitos affectados do mal não só em casa do Sr. Mollière, acima citado, como tambem em casa do Sr. Tripier e no edificio da Escola Veterinaria, tres kilometros distante. Na mesma epocha o *favus* atacou um gato da casa do Sr. Mollière, e muitos alumnos da Escola Veterinaria tambem apresentaram começo de *tinha*. Nos ratos a molestia assestava-se habitualmente ao redor das aberturas naturaes (olhos, nariz, bocca, ouvidos) e esses animaes acabavam morrendo pelos progressos da molestia.

Anderson observou *favus* em uma das patas de um cão rateiro e poudé verificar a existencia da molestia em ratos da mesma casa; em outra occasião vio a molestia em quatro pessoas de uma mesma familia e ao mesmo tempo em um gato da casa; não foi possivel examinar ratos; de uma terceira vez encontrou o *favus* em tres pessoas que o receberam de uma menina, tendo esta por seu turno o contrahido brincando com um rato tnhoso; houve exame microscopico com resultado positivo no ultimo caso.

Em 1880, o Sr. Mégnin communicou á Sociedade de Biologia, de Paris, a observação de *favus* em ratos (camondongos) encontrados em uma casa da rua Rivoli, n'aquella cidade.

No começo do anno proximo passado, 1882, em uma casa da

rua da Candelaria, aqui no Rio de Janeiro, na qual eu habitava, prendeu-me a attenção uma placa amarellada que observára no focinho de um pequeno rato, dos communmente chamados camondongos (*mus musculus* seu *sorex*). Intrigou-me bastante o facto e sem pensar então no *favus*, desejei em vão poder de perto proceder a exame minucioso.

Algun tempo havia decorrido depois d'isso; já me havia eu esquecido do referido ratinho, quando no dia 13 de Março do mesmo anno (1882) apanhei um semelhante animal; olhando para aquella minha misera victima tive entretanto enorme satisfação, pois apresentava o ratinho placas de crostas amarellas semelhantes a daquelle outro que tanto me havia impressionado. Ignoro se seria o mesmo. Podia, porem, observar e analysar este a minha vontade.

Logo ao primeiro exame reconheci as crostas do *favus*, pois formavam genuinos *godets*, tendo configuração e côr perfeitamente características. Eram typos que se prestariam a exemplificar uma descripção classica.

Notavam-se tres ilhotas de crostas: duas sobre o nariz, das quaes uma pequena incipiente e outra maior, bem desenvolvida, tambem isolada, representando um *godet* typo; a terceira grande, resultante claramente da confluencia de dous *godets* vizinhos, occupava o espaço entre a borda da palpebra inferior direita, o nariz e o labio superior no mesmo lado.

A observação microscopica de uma pequena parcella da massa amarellada, que constituia as crostas permittio-me verificar a presença do *Achorion Schoenleinii*; havia os conidios e mycelios em abundancia.

No mesmo dia tive o prazer de mostrar o ratinho morto e as preparações microscopicas ao meu illustrado amigo o Professor José Silva e aos dous habilissimos dermatologistas os Srs. Drs. Oscar Bulhões e Lopo Diniz.

Mais tarde, separando a pelle da cabeça do animal para conservá-la, pude ver cousa muito digna de reparo; que os *godets* faziam na face profunda da pelle notavel saliencia formando placas. Esta particularidade, então nova para mim, encontrei em leitura ulterior, como já mencionada por Tripier em relação também a *favus* em ratos.

Na casa nem na vizinhança não conheci pessoa alguma soffrendo da molestia. Pretendi verificar se em outros animaes semelhantes, vivendo no mesmo local, encontraria novos casos do mesmo mal; multiplos affazeres impediram-me de satisfazer aquelle meu desejo.

Rio de Janeiro, 1º de Maio de 1883.

MEDICINA

DA COQUELUCHE E SEU TRATAMENTO PELA RESORCINA

Pelo Sr. Dr. MONCORVO (*)

Prof. de clinica de molestias de creanças na Policlínica Geral
do Rio de Janeiro

Estudada na Europa desde 1414, a coqueluche é, apesar de tudo, ainda hoje, objecto de continuas e fructuosas indagações dos observadores e clinicos de todos os paizes.

Sendo de uma frequencia notoria em todo o mundo civilisado e apparecendo não raramente sob a forma epidemica—ella tem se prestado longamente ás mais pacientes e detidas investigações por parte daquelles que se hão consagrado a estudá-la attentamente.

(*) Transcripto da *União Médica*.